

EUGÊNIO ONIÊGUIN — OBRA CENTRAL DE ALEXANDRE PÚCHKIN

Tatiana Gueorguievna Mariz

ALEXANDRE SERGUÊIEVITCH PÚCHKIN é o primeiro nome que nos vem à memória ao pensarmos na cultura russa. Nele encontrou expressão mais plena e brilhante uma época que engendrou a tradição da cultura intelectual e artística da sociedade russa — a do Iluminismo russo do século XVIII, iniciada com as transformações históricas de Pedro o Grande desde os primeiros anos do século. Os sucessores de Pedro o Grande, principalmente Catarina II, continuaram a tradição das grandes instituições científicas, artísticas e educacionais da época, como veículos de difusão da mentalidade humanista. A própria São Petersburgo, concebida pela inspiração de Pedro o Grande como uma janela para a Europa, foi fundada como nova capital do Império Russo. O seu perfil arquitetônico, criado como uma gravura dos estilos estéticos da idade humanística, apresenta-nos um museu vivo e imperecível da nova tradição histórica e cultural, que desponta na Rússia, num clima de tempestade revolucionária de 1789.

A vida de Púchkin (1799-1837) abrange uma época da história da sociedade russa, em que o espírito iluminista provinha de uma ampla tendência à secularização da cultura. Na Rússia do primeiro quartel do século XIX, com intenso desenvolvimento científico e tecnológico, sobretudo nas áreas da física, matemática e astronomia, surgem centros universitários de pesquisa. Aparecem várias publicações, com informações a respeito da vida científica da época, o que dá lugar a uma mentalidade intelectual de índole naturalista, como nos testemunham os próprios documentos da época: "A experiência dos séculos nos prova que, onde a educação tem por objetivo principal o estudo das ciências naturais e exatas, as ciên-

cias humanas e as belas artes alcançam grande desenvolvimento.” (Revista *Notícias da Europa*).

“Parece que se inicia uma época digna para as nossas ciências... Tomamos consciência das necessidades das investigações e pesquisas radicais para alcançarmos a cultura iluminista autêntica.”

Em outro documento, no diário de um contemporâneo de Púchkin, o jornalista Sneguíriov, encontramos a seguinte anotação: “Comentamos ontem no almoço, conversando sobre a nossa cultura, que sem conhecer as leis do mundo natural não se pode saber o mundo interior do homem. Sem saber a fisiologia, não se pode conhecer a estética”... “O Universo nos apresenta inesgotável fonte de conhecimento e investigações”...

No contexto iluminista, também se confere às artes valor de conhecimento. As ciências e artes encontram a mesma natureza das criações do espírito humano, identificam-se na inspiração.

Numa das anotações de Púchkin encontramos:

“A inspiração é uma disposição do espírito para a receptividade viva das impressões e raciocínios e, portanto, para suas explicações. A inspiração é necessária tanto para a geometria como para a poesia.”

O pensamento artístico de mentalidade naturalista voltado para a realidade foi a primeira resposta estética madura da cultura iluminista. Procurar pensar a realidade sem reduzi-la a uma ou algumas de suas manifestações, pois a célula não se iguala ao organismo. A realidade se entende como uma condição no espaço-tempo, que forma o organismo, que faz brotar do germe a planta.

É essa a realidade que se torna o centro das preocupações do pensamento artístico na literatura russa a partir da obra de Púchkin e até os nossos dias. A expressão artística liberta-se do esquema rígido dos gêneros, que fragmenta a realidade em facetas isoladas. O gênero deixa de ser estrutura fixa e tende cada vez mais à decisão original do pensamento artístico. O espírito se empenha em pensar no ser e não num esquema ou num modelo humano.

O universo mental da cultura realista dá origem ao nível de contextura do discurso literário, a “poesia do pensamento”. Sentimento e pensamento não se separam mais da realidade, porém desabrocham de seu espírito.

Com Púchkin, “o espírito iluminista” da tradição humanística européia secularizado numa cultura realista da época, en-

contra no contexto russo sua personalização genuína. Na observação de um dos mestres de crítica russa, Dobrolíubov, ele "reagia a tudo que a vida russa representava, abrangendo todos os seus aspectos e acompanhando-os em todas as fases."

Tudo que há no mundo interior do homem de grande ou forte e até o suspiro do seu fracasso tocava-o da mesma maneira que o mundo visível da natureza.

Aos amigos e contemporâneos de Púchkin surpreendia sua percepção criativa genial, apta a captar e entender tudo que por acaso fosse acessível a sua atenção e observação, a extraordinária capacidade de sua memória, que sustentava seu espírito criativo. As leituras, as conversas e as meditações deixavam na sua alma traços que não se apagavam durante toda a vida.

Púchkin, assim, não só nos apresenta, mas é a própria cultura russa. Na sua obra, o homem e a sociedade russa reconhecem a si mesmos no seu ser original: seu folclore, sua história, seu presente, sua linguagem natural. O homem não se enquadra só num perfil espiritual, mas encontra sua natureza como horizonte e espectro de possibilidades humanas. O homem passa a ser substância da sociedade, a sua linguagem histórica, social, cultural, adequada à condição humana.

O seu romance *Eugênio Oniêguin* apresenta uma enciclopédia da vida russa contemporânea ao autor, no dizer do maior crítico da literatura russa, Bielinski, não pela exuberância quantitativa dos fatos e personagens, mas por fazer transparecer todas as realidades da vida russa, social, cultural, costumes e tradições, conceitos e caracteres que refletem a época. O insignificante entra no tecido literário formando um painel de vivências no texto.

O mundo da poesia de Púchkin é a vida do espírito, que se inspira no viver, assumindo a natureza, a harmonia e as possibilidades do real. Sente a nostalgia do ser original e o busca como verdade, numa convivência do homem social com o original. Nele encontram as suas origens o espírito e as preocupações da literatura russa, nas suas várias expressões artísticas, ao longo do seu desenvolvimento.

Com Púchkin inicia-se, portanto, a história da literatura russa a partir do século XIX até os nossos dias, pois ele, conforme o belo conceito de Bielinski, provou que "a razão é o espírito da vida, e a poesia é o seu olhar", o que é a plena expressão humana.

Púchkin, no julgamento de Goqol: "Ele é o poeta nacional na sua essência, pois a nacionalidade não consiste na des-

criação de costumes ou trajes folclóricos, mas está na expressão, na manifestação do espírito do povo, que pode ser representado até num mundo alheio, pensado de modo nacional”.

A obra central de Púchkin, o romance *Eugênio Oniêguin*, revoluciona toda a tradição artística do gênero romance, que era enquadrado no esquema de enredos aventureiros, e o sentido da poesia que pairava “além da realidade cotidiana”, numa alienação do homem de sua natureza original.

Eugênio Oniêguin é o diálogo mais pleno do poeta com o leitor, sobre suas experiências líricas, sociais e vivenciais. É o que ele nos diz na estrofe introdutória:

“Não pretendo distrair presunçosos, mas estimo ao máximo o calor da amizade. Gostaria de apresentar-te uma prova mais digna de ti, mais digna de uma alma elevada, de um sonho sagrado que se tornou realidade, de uma poesia viva e cristalina, de pensamentos altos e de muita singularidade. E que seja assim: com mão zelosa recebe esta coletânea de capítulos de conteúdo multicolorido, ora divertidos, ora tristes, próprios de gente simples, repletos de puros ideais. São frutos espontâneos de meus lazeres, de minhas insônias, de minhas leves inspirações, são frutos de anos imaturos e anos superados, são frutos de observações frias do espírito e de conclusões amargas do coração.”

Púchkin escreveu *Eugênio Oniêguin* durante mais de sete anos. Os primeiros rascunhos são ainda de maio de 1823, quando o poeta estava exilado no sul da Rússia, na cidade de Kichiniov e os últimos capítulos foram escritos no “Outono de Boldino” (fazenda de Púchkin perto de Moscou) em 1830. É o período de amadurecimento do poeta de adolescente a homem maduro, a artista. São os anos de exílio no sul e depois em Mikhailovskoe, um recanto do interior da Rússia do nordeste, fazenda do pai de Púchkin a 200 km de São Petersburgo e depois da volta do poeta para Moscou e para São Petersburgo.

Na sociedade russa essa época foi marcada por mudanças drásticas, no fim do reinado do imperador Alexandre I, muitas vezes ridicularizado por Púchkin.

Desde o início da criação do romance o poeta estava empolgado com suas idéias, como ele próprio revela em cartas aos amigos.

O czar retribuía as sátiras do poeta com vinganças intermináveis. Foi no reinado de Alexandre I que aconteceu a derrota do movimento decembrista, que está no extratexto do romance.

Numa das cartas ao seu amigo íntimo Delvig, por exemplo, Púchkin confessa: "Escrevo um poema novo em que me liberto totalmente."

Presentindo as críticas da censura, o poeta espera publicação do primeiro capítulo, preocupado. Quando a crítica o ataca, Púchkin, impetuosamente, se defende, o que não acontecera em suas experiências literárias anteriores. Defende-se contra a desvalorização artística na opinião, por exemplo, de alguns de seus colegas de literatura mais próximos.

... Mas os capítulos de *Eugênio Oniêguin* se publicam com uma surpreendente rapidez. O público impaciente espera a continuação do romance. O êxito se estende de São Petersburgo a Moscou, até as províncias e fazendas no interior da Rússia, a todos os recantos que o correio atinge. No espelho nítido e grande do romance o público reconhece a si mesmo, seus vizinhos e conhecidos, criados e parentes, amigos e compatriotas, na linguagem simples e espontânea do poeta.

Ao observar os rascunhos e manuscritos de Púchkin, verifica-se uma espontaneidade fluente — o diálogo natural de revelação, em que o poeta encontra a si mesmo. Os rascunhos quase não se desviam do texto publicado, embora notemos alguns traços de modificações textuais no desenvolvimento do caráter dos personagens. A perfeição de natureza artística do romance nasce da experiência estética do poeta com a arte do classicismo e com a naturalidade romântica.

Num esforço para nos aproximarmos dessa obra, procuraremos seguir o fio da narrativa — um período da vida de um jovem aristocrata de São Petersburgo: Eugênio Oniêguin.

Cabe-nos, aqui, fazer algumas observações a respeito dos principais elementos constitutivos do romance que integram a sua composição, tanto quanto às personagens como ao autor e ao público. O diálogo entre os dois sustenta o discurso e compõe o fundo histórico do romance.

Púchkin nos apresenta *Eugênio Oniêguin* de uma maneira direta, nos comentários do personagem consigo mesmo, numa situação inesperada:

"Um tio meu, obedecendo às regras patriarcais mais corretas, quando adoecia seriamente, fazia mesmo com que o respeitassem e era sem

dúvida para ele o que de melhor podia fazer! Que o seu proceder sirva de exemplo. Mas, meu Deus, como era aborrecido ficar sentado com o doente noite e dia, sem afastar-se nem um passo! E que baixeza e que perfídia procurar distrair um semi-morto, ajeitar-lhe as almofadas, tristemente trazer-lhe os remédios, suspirar e dizer baixinho: Quando é que o diabo o vai levar!

Assim pensava um jovem dândi, enquanto corria, voava em sua carruagem."

(Cap. I, estrs. 1 e 2)

Abro aqui um parêntesis para esclarecer as minhas citações do romance de Púchkin nesta palestra.

As traduções das estrofes de *Eugênio Oniêguin* incluídas neste trabalho são quase literais, com o objetivo de transmitir com fidelidade a íntegra da mensagem do poeta.

Estas traduções, que utilizo para transmitir aos ouvintes a poesia do romance, foram feitas pelo meu colega da UFRJ, professor Hesíodo Facó e por mim aproveitadas por me parecerem bem adequadas e fiéis ao original, refletindo não apenas o pensamento mas também, às vezes com felicidade, a própria música do texto russo original.

Sendo o único herdeiro, Oniêguin foi obrigado a conhecer a sua fazenda no interior da Rússia, um momento que pouco o entusiasmava como filho autêntico de São Petersburgo, protegido pelo destino, de formação conveniente à nobreza russa das primeiras décadas do século XIX, com pouca exigência dos preceptores (madame e monsieur) quanto aos estudos sistemáticos e conhecimentos profundos, num zeloso empenho para ensinar-lhe a etiqueta social. Eles o preparam para todas as diversões da vida social de São Petersburgo...

Púchkin nos apresenta Eugênio como "seu bom amigo", da mesma geração e ambiente cultural. Por isso, ao relatar a vida do personagem, o poeta se entrega às recordações de sua juventude:

"Recordo o mar antes da tormenta! Como eu invejava aquelas ondas que velozes, em corrida e seqüência tempestuosas, vinham amorosamente deitar-se aos pés dela! E como desejava naquele instante vir com as ondas para tocar aqueles pés com os meus lábios! Nunca, nem nos dias mais fogosos da minha mocidade, quando fervia em mim a paixão,

desejei tanto e tão torturado, beijar os lábios das jovens ninfas, suas faces róseas e ardentes, seus dedos encantadoramente lânguidos. Não, nunca antes o ímpeto das paixões de tal modo dilacerou a minha alma.”

(Cap. I, estr. 33)

Oniêguin passa a viver na sua fazenda, um recanto pitoresco no interior da Rússia.

“A aldeia em que Eugênio Oniêguin se entendia era um lugar encantador. Ali, quem gostasse de prazeres inocentes, poderia abençoar os céus. A mansão senhorial, bem isolada, protegida dos ventos pela montanha, encontrava-se acima de um regato. Ao longe, diante da casa, vislumbravam-se em plena floração, prados e trigais dourados. Surgiam lugarejos e aqui e ali rebanhos moviam-se no campo. Em meio a sombras espessas, um imenso jardim abandonado aparecia como um recanto acolhedor para ninfas pensativas.”

“Um respeitável castelo fora ali erguido, como se devem construir os castelos: muito sólido e tranqüilo, ao gosto da inteligência de outrora. Em toda parte altos aposentos, nos salões paredes revestidas de damasco e nas paredes retratos dos tzares. Lareiras de ladrilhos multicolores. Mas agora tudo envelhecera, perdera o brilho e na verdade nem sei porque. Aliás, o meu amigo de tudo isso pouco precisava, pois, igualmente se aborrecia, até o bocejo, estivesse em salões antigos ou salões dos mais modernos.”

(Cap. II, estrs. 1 e 2)

Residia numa casa, onde o velho dono vivera 40 anos, resmungando com a empregada, olhando pela janela e matando as moscas. Nos armários de carvalho, que Eugênio abriu, examinando tudo, não se encontrava nem um lápis, nem um livro, apenas o calendário do ano retrasado e as fileiras de garrafas de vinho caseiro.

Nos primeiros tempos de suas novas ocupações, Eugênio empenhava-se em modificar o antigo sistema de administração da fazenda. Eliminou a maior parte dos impostos dos servos, o que imediatamente provocou a reação dos fazendeiros vizinhos, que logo chegaram à conclusão que Eugênio era

um tipo estranho e perigoso. A vizinhança amistosa de Eugênio com os demais se desgastou logo com os desencontros propositais arranjados por ele mesmo. No mesmo local, onde residia Oniêquin e na mesma época, voltou a sua fazenda um jovem nobre, estudante da Universidade de Göttingen, na Alemanha, Vladimir Lenski. Ele “herdou da Alemanha nebulosa o espírito ardente e um tanto estranho, a inspiração inesgotável de Kant, Schiller e Goethe, a cabeleira negra até os ombros”. Bem representativas da personalidade de Lenski estas estrofes de Púchkin:

“Como é triste! Nas trilhas da vida as gerações, como que instantânea e sucessivamente ceifadas pelos arcanos desígnios da Providência, surgem, amadurecem e caem e outras lhes tomam o espaço. E assim a nossa efêmera estirpe que hoje cresce, exalta-se nas emoções e arde nas paixões, leva os avós aos seus túmulos. E chegará a nossa vez: os nossos netos, na hora certa, tomarão os nossos lugares neste mundo em que vivemos.”

“Enquanto é tempo, ó amigos, inebrai-vos da vida que vos é fácil! Eu, porém, entendo como é vã e efêmera e pouco me prendo a ela. Fechei os olhos para os sonhos, mas às vezes esperanças longínquas ainda me estremecem o coração. Ser-me-ia triste deixar o mundo sem um vestígio que fosse perceptível. Não vivo nem escrevo para buscar aplausos. Mas creio que me agradaria cantar a minha triste sorte, para que de mim, como um fiel amigo, falasse ao menos o som dos meus versos.”

(Cap. II, estrs. 38 e 39)

Sendo vizinhos por coincidência, Oniêquin e Lenski se aproximam, numa amizade harmoniosa de noite e dia, poesia e prosa, gelo e chama, que se contrariam no início e identificam-se depois no coniuuto. São mundos opostos que geram o pensamento dos personagens e do autor.

O diálogo dos nossos amigos sobre as paixões humanas versava cada vez mais sobre a paixão de Lenski pela filha mais nova do fazendeiro vizinho, Olga, amiguinha de infância de Lenski:

“— E tu, vais para onde? Não entendo esses poetas...”

- Adeus, Oniêguin, está na minha hora.
- Não vou te prender, mas... onde é mesmo que passas as tuas noites?
- Em casa dos Larin.
- Isso é um milagre. Perdão, meu caro, e não te custa perder assim todas as noites?
- De forma alguma.
- Não posso compreender. Daqui eu vejo como é a coisa lá. E diz-me se não estou certo. Uma família russa muito simples. Muita cortesia com os hóspedes, docinhos e a conversa interminável sobre a chuva, sobre o linho, sobre o estábulo...
- “— E até aí não vejo nenhum problema.
- E o tédio, meu amigo, não é um problema?
- Eu odeio a tua sociedade que segue a moda. Para mim é muito mais agradável um ambiente caseiro, onde eu posso...
- De novo uma tirada bucólica. Chega, meu caro, pelo amor de Deus! Pois é, tu já vais e eu lamento.
- Mas... ouve, Lenski, eu não poderia ver essa tua beldade? Esse objeto de teus pensamentos, de tua pena, de tuas lágrimas, de tuas rimas e etc? Apresenta-me a ela.
- Tu estás brincando!
- Não, é sério.
- Pois então eu me alegro.
- E quando é que será?
- Até pode ser agora. Eles com certeza nos receberão com prazer.”

(Cap. III, estrs. 1 e 2)

A família, de simplicidade hospitaleira e amistosa, recebe Oniêguin e Lenski com muito carinho. Eugênio passa a conhecer as duas filhas de Larin: Olga (a noiva de Lenski) e a mais velha — Tatiana. Púchkin nos apresenta Tatiana em estrofes ternas e, nos últimos capítulos, menciona o “querido ideal” de Tatiana. Tatiana não atrai a atenção, como sua irmã mais nova, nem pela beleza corada, nem pela vivacidade jovial. Silenciosa, pensativa, longe das diversões agitadas das amiguinhas de Olga, ela gostava das lendas noturnas, do céu matinal, dos romances de Richardson e Rousseau, do silêncio campestre. Isso percebe Oniêguin nela, comentando para

Lenski as suas impressões sobre a visita. Diga-me: "Quem é Tatiana?" — "Aquela que entrou mais tarde na sala e se encostou perto da janela, silenciosa e pensativa." Será que você está apaixonado pela outra? Sim, e porque? — "Se eu fosse poeta como você, escolheria Tatiana, não expressa nada a face redonda de Olga, cor de rosa, tola como a lua num céu tolo."

Entretanto, o aparecimento de Oniêguin na casa dos Larin despertou a atenção da vizinhança, como um candidato para noivo de Tatiana. Os boatos aborrecem Tatiana, mas pouco a pouco conduzem a sua atenção para o vizinho, figura enigmática para todos. Começa a pensar sobre ele, envolve-se totalmente, entrega-se à paixão e ânsia de conhecê-lo, paixão essa que alimenta na sua ausência, chegando a escrever-lhe uma carta:

CARTA DE TATIANA A ONIÊGUIN

"Estou aqui para escrever-lhe. Que mais poderia fazer? E que posso ainda dizer? Bem sei que seu desejo é castigar-me com o desprezo. Mas eu lhe peço que, conservando uma gota de compaixão pelo meu infortúnio, não me abandone.

De início eu queria calar. Creia: o senhor não teria conhecido a minha vergonha, se tivesse eu a esperança de revê-lo na nossa aldeia, mesmo se fosse de quando em quando, se fosse uma só vez por semana. Apenas para dizer-lhe uma palavra. E depois pensar muito numa só coisa até de novo nos encontrarmos.

Dizem que o senhor não gosta de gente. Numa aldeia distante e isolada de tudo se entedia. De fato não somos em nada brilhantes e temos a oferecer-lhe apenas a nossa alegria com a sua presença, com a maior pureza de coração.

Por que me visitou? No fundo desta aldeia esquecida jamais eu ouviria falar do senhor. Não o conheceria, nem conheceria esta amarga tortura. Quem sabe se, dominando o ímpeto de uma alma jovem, eu não encontraria pelo coração um bom amigo e seria uma esposa fiel e uma mãe virtuosa?

* * *

Um outro! Não, a ninguém mais daria o meu coração! Isto foi decidido no mais alto dos Conse-

lhos. É a vontade dos céus: eu sou tua. Toda a minha vida foi empennada no compromisso de um encontro tiel contigo. Eu sei: foste mandado por Deus e até o tumulto serás o meu anjo da guarda!

Tu me aparecias nos meus sonhos. Invisível, me eras querido. Teu olhar maravilhoso me embevecia e na minha alma ressoava a tua voz há muito tempo. Não, não foi um sonho. Assim que entraste, te reconheci. Fiquei aturdida, incendiei-me e em pensamento assim falei: só pode ser ele!

Eu te ouvi. No silêncio tu me falavas, quando aos pobres eu ajudava ou quando, orando, me deleitava na nostalgia de minha alma enternecida.

E naquele instante não eras tu, visao querida, que me surgias na transparência da escuridão, que de mansinho te achegavas ao travesseiro da minha cama e baixinho me murmuravas lindas palavras de esperança?

Quem és tu, enfim? Meu anjo da guarda ou o mais astuto dos tentadores? Apaga esta dúvida. Talvez tudo isso seja em vão, seja um engano de minha alma inexperiente. E talvez a sorte prescrita seja outra mui diferente.

Mas, seja como for, o meu destino, a partir de hoje, eu te confio. Diante de ti me vêm as lágrimas e eu imploro a tua proteção!

Imagina que eu estou sozinha, totalmente só e ninguém me entende. A minha razão se desnorteia e em silêncio devo perder-me. Mas eu te espero, com um só olhar renovo a esperança de um coração ou ao meu sonho põe logo um fim, com uma censura que bem mereço!

* * *

Aqui termino. Não tenho coragem de ler o que eu escrevi. De medo e vergonha eu desfaleço, mas o meu amparo é a honra do senhor e é com audácia que a ela me entrego!"

(Cap. III, estr. 31)

Passam-se alguns dias e, numa das reuniões noturnas da família, ao redor da mesa de chá:

"A noite chegava de mansinho. Reluzindo imponente sobre a mesa, assobiava a samovar da

casa, aquecendo o bule chinês, enquanto um leve vapor se desprendia em flocos, servindo pelas mãos de Olga, o chá aromático já descia nas diversas xícaras em jorro escuro e um garçom oferecia o creme. Tatiana, em pé, junto à janela, respirava nas vidraças frias e, muito pensativa, absorta, escrevia com o seu dedo, lindo e minúsculo, na vidraça embaçada, um monograma, íntimo e secreto, que continha as duas letras E e O.”

(Cap. III, estr. 37)

Inesperadamente Tatiana ouviu o som de cavalos aproximando-se. Desencorajada, foge, atravessa alamedas do jardim, clareiras e pontezinhas, caminha para o lago e o bosque, enfim, senta-se no banco e escuta abstrata a canção popular das empregadas que, no campo, colhem morangos:

“Meninas, meninas lindas,
Pequeninas almas amigas,
Ponham-se a brincar, meninas,
Divirtam-se a valer, queridas.”

(Cap. III, estr. 39)

Púchkin, sendo poeta genuíno da realidade, reflete o seu ritmo e reproduz a sua paisagem, isto é, todas as manifestações da vida na sua própria linguagem. A isto, Vissarin Bielinski chamou de “instinto da razão e tato do real”, o que não só pressupõe sensibilidade a todas as expressões da realidade, mas também uma profunda identificação com ela. Ele sente a poesia do cotidiano e a vive em reflexões, felicidade e nostalgia, perdas e experiências.

Os contemporâneos do poeta se surpreendiam com a sua capacidade de conceber e captar tudo que era acessível à sua memória, em leitura ou conversas, impressões e influências.

Desse tato da realidade origina-se a maneira artística do poeta, que é fluente, de uma seqüência e articulação natural de fatos e pensamentos. Ele não cultivava nenhuma inspiração para o belo ou para o comum, para o mistério ou para o cotidiano, mas a paisagem da vida: crepúsculos solares e outono lamençoso, primavera verdejante e inverno sombrio, palácios de São Petersburgo e fazendas, panoramas de Moscou e horizontes campestres... a linguagem mesclada da Rússia das primeiras décadas do século XIX.

O tecido artístico do romance se constitui de vários elementos literários. Por exemplo: a canção popular no momento do encontro de Tatiana e Oniéguin no jaraím, ou as reflexões de Oniéguin a respeito da carta de Tatiana, os comentários do poeta sobre a fidelidade amistosa de nossos inimigos e o inesperado silêncio dos nossos amigos.

“Amar a quem? Acreditar em quem? Haverá alguém que não nos engane? Quem, obsequioso, vai atender exatamente aos nossos interesses, nas ações e nas palavras? Quem nos poupará quando semear calúnias? Quem é que nunca se entediará? Tu que, irrequieto, busca visões, não gastes esforços em vão, ama a ti mesmo, meu mui respeitável leitor! Esse é o objeto que merece a tua faina e, de fato, nada pode haver mais digno de ser amado!”

(Cap. IV, estr. 12)

Levando em conta o gosto do público, o poeta dá andamento natural dos acontecimentos: o amor alegre de Olga e Lenski, os dias despreocupados de Oniéguin no silêncio campestre.

Mas a paisagem muda...

“O nosso verão do norte nada mais é que uma caricatura dos invernos do sul. Chega e não chega. Isso é sabido, embora não o queiramos confessar. Já o céu respira o outono e o sol brilha com menos freqüência, o dia torna-se mais curto e a sombra enigmática dos bosques se desnuda com seus estalidos habituais. A névoa cobre os campos e a caravana estridente dos gansos já se encaminha para o sul. Bastante próximo o tempo enfadonho. Novembro já está às portas.”

“Naquele ano o outono se prolongara. E a natureza esperava, esperava que chegasse o inverno. A neve só viera em janeiro, precisamente na noite do dia três. Acordando cedo, Tatiana viu pela janela que o pátio embranquecera e também os canteiros, os telhados e as cercas. Nas vidraças um rendilhado sutil e as árvores hibernalmente prateadas. Lá fora as pegas alegres e ao longe as montanhas revestidas pelo manto do inverno. Tudo ao redor muito claro, tudo branco.”

(Caps. IV e V, estrs. 40 e 41)

Chega o dia do santo de Tatiana, comemorado na família, no trio de janeiro e nas noites estreladas das adivinhações.

Na festa grandiosa se reúnem todos os fazendeiros da vizinhança e famílias aparentadas. Tudo ali se congrega desde os dândis do local até as melhores gerações de gado, de fofoca e comilança pesada. A reação hostil de Oniêguin ao ambiente se estende a Lenski por ter ele pedido insistentemente ao amigo que aceitasse aquele convite. Em desafio Oniêguin começa a flertar com Olga.

"Sempre igual e louco como o turbilhão da vida jovem é o torvelinho ruidoso da valsa. Os pares se sucedem, surge um e outro desaparece. Vendo chegar o momento de sua vingança, Oniêguin, sorrindo ironicamente consigo mesmo, aproxima-se de Olga. Veloz rodopia com ela junto aos convivas e depois a leva a sentar-se, entabulando conversa sobre temas vários. Passam-se minutos e êi-lo que volta a valsar com Olga. Todos estupefatos. O próprio Lenski não acredita no que vêem os seus olhos!"

"Irrompe a mazurca. Era assim, quando se ouvia o tonitruar da mazurca, a sala imensa estremecia, o assoalho estalava com o bater dos saltos. Os quadros, em suas molduras, moviam-se e tilintavam. Mas isso agora não vem ao caso. Os cavalheiros, tal como as damas, deslizavam nas táboas polidas... Mas, nas cidades e também nas aldeias, a mazurca conserva os seus encantos primitivos: os pulinhos, os saltos de sapato, os bigodes são sempre os mesmos. Não os mudou nem mesmo a moda, afoita e tirânica, que é a doença dos novos russos."

(Cap. V, estrs. 41 e 42)

Resulta o duelo, com a morte do jovem poeta.

"É agora que fazer? Se mortalmente ferido pela sua pistola está o seu jovem amigo, aquele que com um olhar ou uma resposta indiscreta ou com outra bagatela qualquer o ofendeu, ou mesmo, num ímpeto de raiva, o desafiou para a luta fatal? Diga quais os sentimentos que invadem a sua alma quando ele, caído no chão com a morte na face, aos poucos se vai apagando, surdo e mudo ao seu desesperado apelo?"

“E talvez fosse isso: a sorte de sempre esperar o poeta. Passariam os anos de sua mocidade, o calor de sua alma se apagaria e em muita coisa haveria de mudar, se afastaria das musas, se casaria e, na aldeia, feliz e traído pela mulher, vestiria o seu roupão macio; conheceria a vida de fato, já teria a gota aos quarenta anos, haveria de beber, comer, aborrecer-se, engordar e definhar. Finalmente, na sua cama se findaria, entre os filhos, mulheres chorando e médicos olhando.”

(Cap. VI, estrs. 34 e 39)

Em *Eugênio Oniêguin* é dos acontecimentos narrados que nasce a vida do romance, no espírito do poeta e do leitor que neles procuram pensar... Empoigado com a narrativa, o público empurra o autor ao enredo, mas o poeta, só quando pensa e vive a realidade é que a cria.

“E assim meu dia chegou à metade e vejo que a isso devo me curvar. Não há que fazer! que a nossa despedida seja de amigos, ó minha despreocupada mocidade! Agradeço os prazeres, a tristeza, os tormentos amados, o barulho, as tempestades e os festins. Agradeço tudo, todos os teus dons generosos. Em meio a alarmes e silêncio contigo gozei e gozei plenamente. Aqui basta! Com a alma lavada, daqui vou seguindo um outro caminho, que leva ao repouso da vida passada!”

“Como é triste, quando apareces, ó primavera, tempo do amor! Que malancólica emoção na minha alma e no meu sangue. Pesaroso e enternecido, eu gozo da brisa, que me sopra no rosto a primavera em pleno silêncio do campo. Ou será que todo gozo agora me é estranho? Como tudo que alegre e vivifica, que se regozija e que brilha, traz tédio e nostalgia a minha alma! Esta há muito morreu e tudo lhe parece sombrio e escuro!”

(Caps. VI e VII — estrs. 45 e 2)

Púchkin convida o leitor a uma nova paisagem: da fazenda deserta de Oniêguin (abandonada por seu dono na ânsia de viajar), da casa silenciosa dos Larin, que Olga deixou ao casar-se com um oficial de cavalaria, dos passeios de Tatiana à fazenda de Eugênio, para ler no seu gabinete.

"Caía a noite. O céu escurecia, e as águas fluíam em silêncio. O bezouro zumbia. As rodas de dança já se desfaziam junto ao rio; fumegando já ardia o fogo dos pescadores. No campo limpo, à luz preteada da lua, Tatiana, mergulhada nos seus sonhos, ia andando sozinha, andando e andando... De repente do alto da colina vê diante de si a casa senhorial, a aldeia, o arvoredo ao pé do morro e o jardim acima do rio de águas claras. Ela contempla e o coração lhe bate com mais freqüência e mais força."

"Muito embora o nosso Eugênio há muito tivesse deixado de ler, algumas obras escolhidas ele tirara do arquivo, tais como o Dom Juan de Byron e mais dois ou três romances que refletiam o século e o homem contemporâneo, retratado com muita fidelidade, seco e egocêntrico, entregando-se sem freios ao devaneio e ao sonho, com seu espírito exacerbado, que se consome em ações inúteis."

(Cap. VII, estrs. 21 e 22)

Pouco a pouco Tatiana passa a entender o mundo estranho de Eugênio.

"E aos poucos a minha Tatiana começava a compreender — desta vez, graças a Deus, com mais lucidez! — a compreender por quem suspirara sob o jugo do destino fatal. Um tipo estranho, triste e perigoso. Criação dos céus ou do inferno? Anjo celeste ou demônio arrogante? Quem será ele? O simulacro de um herói? Um fantasma insignificante? Ou simplesmente um moscovita com roupagem de Childe Harold? Interpretação de caprichos alheios? Um léxico repleto de palavras da moda? Ou não será ele apenas uma paródia?"

(Cap. VII, estr. 24)

Os episódios, relatados agora, no discurso do romance, apresentam um momento natural de silêncio, no ritmo dos acontecimentos, dos personagens em Moscou e Petersburgo, como, por exemplo, o casamento de Tatiana em Moscou.

Em 1825, Paulo Katienin, um amigo íntimo de Púchkin em São Petersburgo, comenta, numa de suas cartas ao poeta:

“Devorei o Oniêguin... Além da poesia encantadora, encontrei nele a ti mesmo, a tua conversa, a tua alegria...”

Outro contemporâneo de Púchkin observa que Oniêguin transmite o mundo de Púchkin, mais do que o restante de toda a sua poesia: o seu mundo social, vivencial e poético.

“Naqueles dias, quando nos jardins do liceu eu florescia serenamente, lia com prazer Apuleu, e Cícero eu nunca lia; naqueles dias, nos vales misteriosos, na primavera, ao grito dos cisnes, à margem das águas que luziam tranqüilas, a musa me apareceu. O meu quarto de estudante de repente se iluminou e ali a musa inaugurou o festim dos jovens, cantou o regozijo das crianças, a glória do nosso passado e os sonhos agitados do coração.”

“Feliz quem na mocidade soube ser moço e a tempo soube amadurecer; feliz quem aos poucos e com o correr dos anos soube suportar o frio da vida; feliz quem não se entregou cegamente aos sonhos nem se afastou da plebe comum; quem aos vinte anos foi dândi e esperto e aos trinta estava bem casado; quem aos cinqüenta liberou-se de quaisquer obrigações, feliz quem tranqüilamente e no devido tempo conseguiu glória, dinheiro e posição e de quem sempre disseram: é um sujeito formidável!”

“Mas como é triste pensar que em vão nos foi dada a mocidade, que nós a traímos a toda hora e que ela nos enganou; que os nossos melhores anseios e os nossos mais belos sonhos murcharam em seqüência rápida e como folhas do outono apodreceram. É insuportável contemplar diante de nós toda uma série de inúteis jantares; encarar a vida como uma cerimônia ritual e seguir a multidão solene sem compartilhar com ela nem opiniões nem paixões.”

(Cap. VIII, estrs. 1, 10 e 11)

Para o poeta a musa ilumina a realidade e o conduz pelos seus caminhos: festas ruidosas e cenas campestres, estepes e montanhas, uma recepção num salão aristocrático de São Petersburgo, a alta sociedade de dândis e diplomatas, damas orgulhosas e generais, conhecidos e desconhecidos, todos, menos um, afastado da multidão... estranho “às pessoas sérias com suas bobagens sérias...” sem prestar atenção a ninguém, Oniêguin permanece afastado, observando a dama des-

conhecida de bom tom "que conversa com o embaixador espanhol — Tatiana. O que desta vez despertou a vida em Oniêguin?

CARTA DE ONIÊGUIN A TATIANA

"Prevejo tudo: você se ofenderá com a revelação do triste segredo. Que desprezo amargo virá de seu olhar altivo! Mas o que quero? Com que fim lhe abro a minha alma? E talvez esteja provocando em você uma alegria perversa. Quando por acaso naquela época eu a encontrei e percebi a centelha do seu carinho, não quis acreditar: não cedi ao ímpeto de ser gentil, não queria perder a minha ilusória liberdade... E mais um fato nos separou: caiu Lenski desditosamente sacrificado. A tudo que o coração poderia sugerir eu disse *não*, impiedosamente. Indiferente a todos, impune no meu proceder, eu pensei: a liberdade e a calma em troca da felicidade. Ó meu Deus, como errei e como fui castigado."

(Cap. VIII, estr. 32)

Passam-se meses de silêncio... E a conversa continua:

"Houve um silêncio prolongado e ela finalmente disse: Devo esclarecer tudo sinceramente. Lembra-se Oniêguin, daquela hora, quando na alameda do jardim os nossos destinos se entrelaçaram? E tão humildemente eu ouvi a sua lição? Hoje é minha vez!"

"Oniêguin, quando eu era mais moça, parece que eu era melhor. Eu o amei — e daí — que encontrei no seu coração? Que resposta? só indiferença, não é verdade? Para o senhor não era novo ter o amor de uma jovem humilde! Agora, meu Deus! até pára meu próprio sangue. Quando recordo o frio olhar e aquela lição... Mas eu não o culpo. Naquela hora terrível o sr. agiu certo comigo e eu lhe agradeço de toda alma."

"Naquela época — não é verdade? — naquele lugar deserto, longe do murmúrio de vozes, eu não lhe agradei... Por que agora o sr. me segue? Por que só agora despertei sua atenção? Não será por que agora tenho que freqüentar a alta sociedade."

por que sou rica e importante, por que meu marido em batalhas se mutilou e por isso a Corte agora nos aceita? Ou será por que a minha vergonha desta vez seria de todos conhecida e eu, nos círculos sociais, lhe daria uma posição honrosa e invejável?"

"Estou chorando... se até agora o sr. não pode esquecer a sua Tânia, saiba que a sua censura mordaz, a sua conversa fria e severa, se estivesse em meu poder eu optaria pela paixão ofendida e não por estas cartas e estas lágrimas. Se dos meus sonhos da mocidade o sr. tivesse naquela época ao menos compaixão, ao menos respeito aos meus anos... mas agora que é que o trouxe para os meus pés? Como isso é pouco! como seria possível com o seu sentimento e com a sua mente ser agora escravo tão pequenino?"

"E a felicidade era tão possível e estava tão perto!... Mas a minha sorte está lançada. Talvez eu tenha sido imprudente no meu agir, mas minha mãe me suplicou com lágrimas tão convincentes. Para a pobre Tânia qualquer sacrifício era igual... eu me casei. O sr. deve deixar-me. É o que lhe peço. Bem sei que no seu coração há honra e retidão. Ainda o amo (pra que negar?) mas com outro estou casada e para sempre lhe serei fiel."

"Ela saiu. Oniêguin fica atônito, como se um raio o fulminasse. Numa tempestade de sentimentos mergulha seu coração! De repente ouve-se o tilitar de algumas esporas. É o marido de Tatiana que aparece e nós aqui, leitor, deixamos o nosso herói, neste momento tão difícil para ele, e o deixamos por muito tempo, para todo o sempre! Juntos seguimos longamente por este mundo a mesma trilha. Congratulemo-nos reciprocamente, por termos chegado a esta margem. Basta! Já não era hora há muito tempo?"

(Cap. VIII, estrs. 42, 43, 44, 45, 47 e 48)

Uma pausa. Um diálogo em silêncio. Eis a conclusão do romance... Inicie-se agora a reflexão do leitor sobre Tatiana e Oniêguin, sobre as esperanças inesperadas da vida...